

Telefone e direção definitivamente não combinam. Já se sabia que falar ao celular com o veículo em movimento aumenta o risco de acidentes de trânsito - tanto que em vários países, Brasil inclusive, esse comportamento é proibido por lei. Agora um estudo conduzido por pesquisadores da Universidade de Utah, nos Estados Unidos, indica que o problema não está apenas em ocupar uma das mãos com o celular, mas no próprio ato de manter uma conversa ao telefone durante a condução do automóvel. A equipe do psicólogo Lee Strayer constatou que mesmo o uso de equipamentos que deixam as mãos livres - os chamados *hands-free*, como fones de ouvido - distrai o motorista, elevando o risco de batidas e atropelamentos. Para verificar se havia fundamento nessa suspeita, Strayer e seus colaboradores recrutaram 96 pessoas para fazer um teste de direção em um simulador - metade do grupo falava ao telefone usando fones de ouvido e o restante conversava com um suposto passageiro. Quem falava ao telefone mudou de faixa sem perceber mais vezes e também perdeu as entradas que deveria tomar do que as pessoas que conversavam com um passageiro (*Journal of Experimental Psychology: Applied*). "Quando se analisam os dados, fica claro que conversar com um passageiro prejudica menos o motorista do que falar ao telefone", disse Strayer. "O passageiro auxilia o motorista a conduzir e lembra o caminho."

RISCOS DO CELULAR

> Alergia saudável

Espirros, lágrimas nos olhos e coceira são sintomas comuns de alergia, nada que não se resolva com um bom

anti-histamínico. Mas talvez seja melhor pensar duas vezes antes de tomar um antialérgico. O biólogo Paul Sherman, da Universidade Cornell, nos Estados Unidos, avaliou



LAURA BEATRIZ



MARSHALL ASTOR/WIKIMEDIA

Mau hábito: dirigir e falar ao celular

646 trabalhos e descobriu uma relação inversa entre alergias e algumas formas de câncer - de boca, pescoço, intestino, pele e útero, pâncreas e glia cerebral - associadas a fatores ambientais (*Quarterly Review of Biology*): elas eram menos comuns nos alérgicos. O grupo de Sherman propõe que alergias protegem contra câncer por ajudarem a expelir partículas estranhas, além de servirem como aviso de que há substâncias no ambiente a serem evitadas. Uma exceção foi a asma que, apesar do fundo alérgico, está associada a uma maior incidência de câncer pulmonar. Os autores ponderam que a asma obstrui as vias respiratórias e impede que o muco seja expelido, o que explicaria

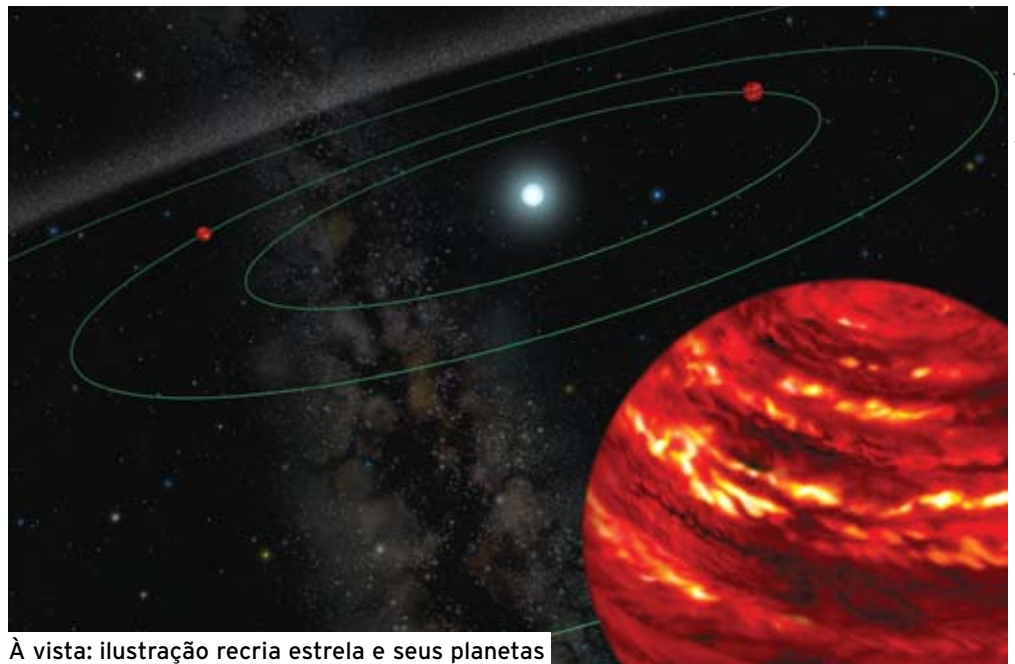
a associação. Para eles, esses indícios devem estimular pesquisas sobre a relação entre câncer e alergias.

> Como fazer mais veias

Pesquisadores do Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil, ligados ao Instituto Gulbenkian de Ciência, em Lisboa, desvendaram como novos vasos sanguíneos se formam em regiões lesionadas. O desenvolvimento de novos vasos é essencial para a cicatrização: são eles que transportam proteínas antiinflamatórias para a região do ferimento, melhoram a oxigenação do tecido e levam nutrientes essenciais para a reconstrução da pele. Em artigo publicado

Astrônomos canadenses, norte-americanos e britânicos pela primeira vez viram planetas fora do Sistema Solar, antes detectados só de modo indireto. Com o telescópio do Observatório Keck, no Havaí, eles identificaram em meados deste ano três planetas ao redor de uma estrela jovem e quente, a HR 8799. Esse sistema planetário foi observado inicialmente em 2007, quando haviam sido encontrados dois planetas. Agora a equipe de Christian Marois, do Instituto de Astrofísica Herzberg, no Canadá, confirmou a presença de um terceiro planeta, um gigante gasoso como Júpiter. A análise das imagens sugere que sejam planetas muito jovens, com cerca de 60 milhões de anos - a Terra tem 4,5 bilhões -, e emitem muito calor à medida que contraem, razão por que podem ser vistos na faixa de radiação infravermelha (*Science Express*). Estão de 25 a 70 vezes mais distantes de sua estrela do que a Terra está do Sol. "A descoberta foi feita após observar poucas estrelas, o que leva a concluir que planetas assim são freqüentes", disse Marois.

UM OUTRO SISTEMA SOLAR



À vista: ilustração recria estrela e seus planetas

em novembro na revista *PLoS One*, o grupo do oncologista Sérgio Dias mostrou que tudo depende da ativação da proteína Notch em células derivadas da medula óssea chamadas de células precursoras. Quando ativada, a Notch leva essas precursoras a aderirem à área da lesão, onde estimulam as células endoteliais - as que constituem veias e artérias - a produzirem vasos sanguíneos. Conhecer os detalhes desse processo pode ajudar no tratamento de feridas que resistem a cicatrizar, um problema comum em pessoas que sofrem de diabetes ou

obesidade mórbida. Em casos severos de diabetes, essas feridas podem até levar à amputação do pé do paciente.



Vem que tem: garra pode ser blefe

> Tamanho nem sempre é documento

Não só no jogo de pôquer o blefe é fundamental. Também é estratégia de sobrevivência e manutenção do poder em outras espécies. Simon Lailvaux e Patricia Backwell, da Universidade de Nova Gales do Sul, e Leeann Reaney, da Universidade Nacional da Austrália, se embrenharam em manguezais e pântanos australianos para analisar

o comportamento dos caranguejos-violinistas (*Uca mjoebergi*). Com carapaça de apenas dois centímetros, esses animais têm uma das pinças bem maior que a outra que se regenera se perdida. Depois de constatar que os machos dessa espécie avaliam o tamanho do adversário - e de sua pinça - antes de se meter numa disputa, a equipe mediu o tamanho da garra, sua força e a resistência a ser arrancada. Constataram que as garras que nunca haviam sido perdidas davam uma dimensão da força real do caranguejo. Já as pinças regeneradas em geral eram maiores, mas nem sempre mais fortes e resistentes, além de serem mais leves e sem dentes (*Functional Ecology*). "Os machos com garras regeneradas podem blefar sobre a habilidade de lutar. Eles não são bons lutadores, mas a aparência da pinça indica aos outros que não vale a pena se meter com eles", diz Lailvaux.